

JOAQUIM MAGALHÃES

*Romance
do
Poeta Aleixo*

FARO
1959

M.F.
34.3-1
AG

POEMA NUMA GAVETA

Em Novembro de 1949, poucos dias depois da morte do poeta António Aleixo, ainda fortemente emocionado pelo acontecimento escreveu o autor este «romance».

Guardado e esquecido numa gaveta, aguardou quase dez anos a oportunidade de ser tirado e lido em público antes da primeira representação, em Faro, do «Auto do Curandeiro» do poeta popular, pelo grupo dos amadores do T. A. F..

Por sugestão de vários assistentes ao espectáculo, agora se publica.

Que o seja em boa hora.

*Em Vila Real aquela,
a das ruas em esquadria,
foi que nasceu o cantor
de inspiração mais singela
e mais popular sabor
desta província algarvia.*

*Lá, foi menino e brincou,
naquela alegre inocência
de correr e de brincar,
que é toda a nossa ciência,
antes de a vida pesar.*

*Até os seis ou sete anos,
na terra natal viveu;
depois, foi ao seu destino,
p'ra Loulé, onde aprendeu
os primeiros rudimentos,
que a vida lhe ensinaria,
de um longo rol de tormentos,
em que tudo passaria.*

Tecelão na mocidade,
o ofício do pai seguia;
e, quando chegou à idade,
como soldado servia;
foi polícia na cidade,
mas cedo dela saía,
pois artista de verdade,
só poeta é que seria.

Casou, sofreu, trabalhou,
foi pai na idade devida,
que não foge à lei da vida
quem esta vida aceitou.

Improvisador sem par,
da guitarra acompanhado,
andava de feira em feira,
e era capaz de levar
a cantar a noite inteira
as suas quadras no fado.

Como a cigarra vivia,
do futuro descuidado,
até que um dia caía
doente, o pobre coitado.

Fez-se então pastor de gado
e apenas leite bebia,
das cabras que apascentava,
que outra coisa não podia.

Quando melhor se sentiu,
foi para França, emigrou;
e a sorte enfim lhe sorriu,
que o tempo que lá viveu,
outro igual não mais teria.
Rico apenas do que viu,
nem por isso enriqueceu,
pois a saudade apertou,
e à terra pátria voltou,
onde a família vivia.

E à mesma vida tornou,
que o cantar era o seu fado;
mas do seu mal piorou,
teve de ser operado.

A fama de cantador,
sempre em aumento, crescia,
pela vila e em redor,
com os versos que fazia.
Nas quadras que improvisava
lá vinha o sal da ironia,
que a triste vida ensinava
e calar não conseguia.

Até que um dia chegou,
em que nuns jogos florais,
com os melhores se igualou,
vencendo a todos os mais.

Cada vez mais conhecido,
falaram dele os jornais,
e começou a ser tido
por poeta de talento,
pois fazia num momento,
o que outro nenhum fazia,
com tal graça e sentimento
e amarga filosofia,
que as quadras que disparava
muita gente as decorava,
como esta em que dizia:

«Se pedir, peço cantando,
Sou mais atendido assim;
Porque se pedir chorando,
Ninguém tem pena de mim.»

Fez-se depois cauteleiro,
 porque o trabalho pesado
 a saúde lhe abalava,
 mas era pouco o dinheiro
 que deste modo ganhava:
 vendia a sorte o coitado
 e a sorte não lhe ligava.

Poucos lhe davam valia,
 de mal vestido que andava;
 por isso a um respondia,
 nestes versos em que dava
 uma lição de ironia:

«Quem só veste o que lhe dão
 Vive sempre num inferno,
 Traz sobretudo de v'raão
 E anda em camisa de inverno.»

Um raro poeta havia
 no homem que assim fazia
 versos da mesma maneira
 que dá uvas a videira
 e a fonte dá água fria.

Com estas quadras primeiras
 é que ao depois se faria
 «QUANDO COMEÇO A CANTAR»
 que foi o livro de estreia
 do poeta popular.

Mas a saúde fugia,
 sempre de mal a pior,
 já com estrago notório,
 até que chegou um dia,
 lá foi para o sanatório.

Enquanto em Coimbra esteve,
os versos que ia ditando,
porque mal os escrevia,
o Tossan lhos apontava,
de que outro livro nascia,
o chamado «INTENCIONAIS»,
que pela graça que tinha
inda por certo lembrais.

A Loulé voltou contente,
mas outra vez piorou,
no meio da sua gente;
e para os «Covões» tornou,
desta feita mais doente.

A morte o golpe final
não tinha pressa em o dar.
Bem sabe ela que é fatal
e ninguém lhe há-de escapar:
— Faz versos, poeta, faz,
que em minhas mãos ficarás.

E o poeta imaginava,
esperançado na sorte,
que ainda melhoraria;
por isso não descansava,
e, em Coimbra, improvisava
«O AUTO DA VIDA E DA MORTE»
e «O AUTO DO CURANDEIRO»
que em cena nunca veria.

Neste esforço derradeiro,
julgou ter ganha a batalha;
na cidade dos doutores
viu seu nome andar na balha;
teve amigos dos melhores,
que a sua fama crescia,
e mesmo entre os escritores
e alguns mestres de poesia,
teve palmas, teve flores,
teve festas, simpatia.

Quem no Algarve diria
que o pobre Aleixo seria
lá tão longe festejado
de alguns grandes estimado
ele que mal escrevia.

De lá regressou curado
 — ou pelo menos parecia —
 sonhando uma vida nova
 que de projectos enchia,
 pois a fé tudo renova.

Porém a morte o vigia,
 espera a presa marcada,
 que até então lhe escapara
 mas fugir mais não podia.

E a triste sina o levou
 outra vez ao hospital;
 mas não tinha cura o mal,
 melhoras não nas achou.
 Voltou de novo a Loulé,
 que em Loulé quis acabar.

Penou meses nò casebre,
 onde com os seus vivia,
 a queimar, ardendo em febre,
 os projectos que fazia,
 sobre o livro derradeiro,
 este «Auto do Curandeiro»,
 que sonhava inda veria.

Chegou-se ao mês de Novembro,
 quando as folhas vão caindo,
 e de nenhum outro me lembro,
 assim tão formoso e lindo,
 cheio de sol, luminoso,
 mas p'rigoso e doentio
 para os que a morte marcou
 do seu selo duro e frio.

E, como as folhas caindo,
 também da vida tombou
 o coração que a cantou:
 a alma ao corpo fugiu
 e o pobre Aleixo partiu,
 num dia formoso e lindo.

Mas na sua garra fria
a morte apenas levou
consigo o homem mortal,
que o poeta, esse, ficou,
pra todo o sempre imortal
na sua terra algarvia,
pois os versos que ditou,
porque escrever mal sabia,
eu juro à fé de quem sou,
são da mais séria poesia
que em português se cantou.